

## A QUEDA DA CASA DE USHER E OS OBJETOS

**Elias Fontele Dourado**

Graduando em Filosofia  
Universidade de Brasília

### Resumo

Perscrutar a relação dos objetos no conto de Edgar Allan Poe com a noção de alegoria benjaminiana, como a história emana dos objetos e como os próprios podem pensar.

**Palavras-chave:** Alegoria; Objetos; História; Walter Benjamin; Terror.

### Abstract

*To look at the relation of objects in Edgar Allan Poe's tale to the notion of Benjamin's allegory, how history emanates from objects and how they can think.*

**Key words:** Allegory; Objects; History; Walter Benjamin; Terror.

A queda da casa de Usher narra a assombrosa visita do narrador ao lar de Roderick Usher. Nos arredores de seu destino, a casa lhe surge imponentemente estranha, aterradora. O estado decadente se faz evidente, a fissura no teto que vai até os alicerces denuncia a fragilidade do espaço. O narrador nos conta ser um velho amigo de Roderick Usher, e que este sempre teve habilidade com as artes.

Livros, quadros, tapeçarias e instrumentos musicais preenchem sua casa, evoca-nos a imagem de um erudito colecionador, isolado e encantado pelo matiz dos objetos. Usher e a casa são um só, as imagens dos dois refletem entre si, mutuamente, tal evidência torna-se clara com o fatídico final da história, quando a lua irrompe na fissura do lar e o lago o engole, levando embora todos os rastros de Usher.

Roderick, quase como uma personagem de Dostoiévski, sofre de hipocondria, além disso, também convive com sua hiperestesia<sup>1</sup> e ansiedade. Esta primeira doença é mais curiosa. De tanto conviver com as artes, seus quadros, livros e instrumentos musicais, sua sensibilidade ficou tamanha que o deleite confundia-se com a rejeição. Usher vive praticamente como um morcego, evitando as luzes, pairando sob as sombras de seu casarão. O som de qualquer outro instrumento que não fosse de cordas, seu violão, em especial, causava-lhe ojeriza. Ouso dizer que seu apreço pela referida classe de instrumento deve-se à tensão em que as cordas se dispõem, estendidas entre as extremidades. Essa tensão reflete o interior de Usher, constringido por tudo aquilo que vem de fora da casa, aguardando apenas por alguém que dedilhasse seus íntimos segredos.

<sup>1</sup> Define-se como uma hipersensibilidade dos sentidos, a sons, luz, cores, cheiros etc.

De fato, Usher envia uma carta para o narrador, alegando estar doente e precisar de ajuda. A casa e seus cômodos não podiam lhe dar sossego, mesmo sendo um lar altamente burguês<sup>2</sup>. Algo de fora se faz necessário. A história de Roderick acompanha o fluxo de um tempo mórbido, suas ações são cada vez mais cadenciadas para o fim da casa e a descoberta de seu macabro ato. Roderick discorre sobre a sciência das plantas e que estas dão vida a casa, não metaforicamente, mas de verdade.

Suas suposições e conclusões tergiversam do fator real: a doente irmã é tida por Roderick como morta, e esse, com a ajuda do narrador, vai colocá-la no túmulo da família antes de ser enterrada de verdade. Usher precisa colecionar primeiro, ter a vida da irmã unida com a dos outros familiares, a cripta serve como um item indispensável de sua coletânea. Não obstante, Roderick age desse modo com a irmã ainda viva, enterrada ainda respirando. No conto, Usher nos diz que a irmã também está enferma e sofre de contínuos transe catalépticos. A irmã também é assombrada pela casa e pela sciência das plantas, ou será que em sua alma também ululava a necessidade de conviver com o brilho daqueles infintos

objetos? Sepultar a irmã ainda viva deixaria a casa, em sua integridade, somente para Roderick.

A ironia do conto em relação à natureza é bastante perspicaz. Enquanto Roderick delira em suas canções e quadros, a natureza trabalha para que nada daquilo seja inteiramente de Roderick. A fissura, a tempestade, o brilho repentino no exterior da casa, todas as descrições formam ruídos e imagens nada agradáveis para quem sofre de hiperstesia. O aparente assassinato de sua irmã não encerra as possibilidades de sua existência, ela passa a agir por meio dos objetos, dando a estes também a clareza de manifestar sua trágica história. Neles reside uma forma rígida, mas sem significado irreduzível, coexistem como alegorias que moldam o tempo real e surreal da casa.

Walter Benjamin nos mostra que, ao contrário do símbolo, em sua imediatez de forma e significado, a alegoria não tem significação imediata, ela pode se deslocar e criar infinitas possibilidades dialéticas de significado, desse modo, é uma excelente forma para entender a História, pois esta também se desloca de modo não hegeliano, e sim como algo mais próximo do pensamento kierkegaardiano<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Podemos entender essa sutileza como uma crítica à burguesia, a queda da família e a constante infelicidade da alta classe, que tergiversa o estado interior através de objetos mercadológicos.

<sup>3</sup> Tem-se em vista o clássico embate entre Hegel e Kierkegaard. Enquanto Hegel acreditava que a história progredia e encontrava sua síntese, como

Para Benjamin:

O conceito de sistema, do século XIX, ignora a alternativa à forma filosófica, representada pelos conceitos da doutrina e do ensaio esotérico. Na medida em que a filosofia é determinada por esse conceito de sistema, ela corre o perigo de acomodar-se num sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade voasse de fora para dentro. Mas o universalismo assim adquirido por essa filosofia não consegue alcançar a autoridade didática da doutrina. (BENJAMIN, 1987, p.50).

Quanto mais alegorias são acrescentadas entre o narrador e Roderick, tanto mais a casa se manifesta contra Usher. Quando Roderick pega seu violão e canta *O Palácio Assombrado*, parece que cada vez mais a casa começa a ruir, pois vive imerso em suas artes e alegorias, enquanto o sangue da irmã pulsa em perigo, como o último símbolo da família, e que ele pode facilmente se livrar.

O narrador, já no fim do conto, mostra como a mobília sombria influencia em seu pavor, parecendo que os mesmos têm vida. Quando tenta acalmar Roderick recitando passagens de seu adorado livro *The Mad Tryst*, tudo que envolve os sentidos se reproduz dentro da casa. Se no livro o personagem causa um estrondo,

---

um sistema, Kierkegaard criticava duramente a noção de sistema e de uma história que tudo explicaria e sintetizaria, esquecendo completamente as preocupações internas das pessoas.

esse se transforma em ruído na casa de Usher, de forma idêntica. A arte também se volta contra Roderick, a irmã toma posse dos objetos e usa contra seu assassino. Enquanto Roderick tenta escapar da realidade cruel com alegorias, a irmã mostra seu símbolo implacável: a morte inevitável, o ruir de qualquer rastro da família Usher.

Em direção ao fim do conto, Poe nos mostra a manifestação da ficção na realidade:

Ao fim dessa sentença, sobressaltei-me e, por um momento, pausei; tive a impressão (embora tenha de imediato concluído que fora enganado por meu agitado estado de nervos) – a impressão de que, vindo de algum canto remoto da mansão, chegara aos meus ouvidos, em um ruído quase imperceptível, o que me parecia ser, com exatidão, o eco (ainda que abafado e impreciso) do exato som de destruição descrito em detalhes por Sir Launcelot. Fora, sem dúvida, a coincidência em si que me chamara a atenção; pois, entre o ruído nos caixilhos da janela e os sons característicos da tempestade que rufava lá fora, o som decerto não tinha nada para me causar medo ou interesse. (POE, 2017, p. 69)

Os objetos sonham com a morte, a rigidez de seus formatos persiste no tempo de modo implacável, dando ares de imortalidade. A irmã, em seu símbolo espectral da morte, manifesta-se através dos objetos familiares, a morte chega também para esses itens que sonham as

gerações futuras, sonham por quem serão tocados, usufruídos. A irmã, porém, mostra que nenhum rastro pode sobrar, a mansão deve ser submersa, esquecida por completo. Somente o narrador pôde lembrar-se do caso, transformando a situação vivida em alegoria.

A fissura presente na casa é também a rachadura dentro de Usher, visto que os dois são o mesmo, indissociável. A imagem do irromper da lua na fissura mostra o sucumbir fatal de Usher, a luz não mais se esconde dessa entidade em hiperestesia, abre ainda mais a ferida de um colecionador que usou a própria irmã para ter a coleção completa dos familiares, como se fossem seus retratos mais queridos.

É-nos dito que o narrador se impressiona com os quadros de Roderick, apreciando o aspecto das cores, já Roderick parece indiferente, nada mais o encanta ou fascina. O encantamento último e vital foi justamente aquele que faltava, o fascínio pela morte, e ainda mais de uma pessoa querida. O assassinato move a sua erudição, o vermelho contrasta com as sombras da casa. Roderick não parece apenas movido pela dor da irmã, fato que o ocasiona a tirá-la da miséria de uma vez. Enterrá-la viva é tirar o brilho efêmero de sua existência e ver por trás do véu, como o reencantamento de um objeto. A irmã não passa de mais um quadro para sua

coleção, preenchido pelas cores cinza de uma cripta de outrora.

No final, o desabar das paredes não basta, permaneceriam rastros na terra, fragmentos dos objetos, e esses também estavam doentes, impregnados da hipocondria de Usher. A irmã surge de sua cripta e joga-se sobre o irmão, que já cai sem vida, como se fosse mero espectro sonhado pela casa, mantida pela mansão das possibilidades, que não queria de modo algum morrer. A alegoria lampeja no corpo de Roderick, não é somente a casa e seus objetos que sucumbem no abismo do lago inefável, mas também o seu corpo individual, trapaceado pela senciência das plantas e de sua irmã morta. Não há aqui em jogo uma lição de moral, a natureza se vingando da humanidade, há sim o terror das possibilidades e a queda de uma família em um ambiente onde a arte sempre esteve ao redor, em sua luz e sons, mas a hiperestesia simplesmente a ignorou e trancafiou-se na mansão à procura de qualquer coisa.

*Referências Bibliográficas*

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: Medo Clássico*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.